

“Gosto muito de perguntar e de ouvir”

David Marques entrevistado por Ana Bigotte Vieira

Dizes num texto que *Mistério da Cultura* é uma transmissão. Transmissão de quê a quem? Ou por outras palavras e tentando explicar melhor: ao ler a expressão **‘transmissão’ não consegui deixar de pensar em** transmissão cultural, como as transmissões de uma geração à outra, as passagens de tradições, a transmissão da experiência... Está em causa também esse tipo de transmissão nesta vossa proposta tão misteriosa?

A ideia da transmissão vem da vontade inicial de fazer um programa de rádio sobre arte e cultura em cena. A rádio sempre me pareceu (e acho que a própria rádio cultivou essa característica) um lugar de comunicação muito misterioso, porque é só sonoro. Eu não queria representar um programa de rádio em cena propriamente, queria antes criar um espaço que pudesse ser exclusivamente sonoro, como a rádio, mas dar-lhe uma imagem, dar-lhe visão e um sentido de presença porque é ao vivo. Interessava-me a ideia da dissociação dos sentidos — a visão ou a audição e da tensão que pode criar — estamos perto de alguma coisa que normalmente assumimos que está longe (a fonte da emissão). Será que se pode dar a ver uma música? Dar a ouvir uma dança? Na minha última peça, na *Ressaca*, uma das premissas do trabalho era dar a ver uma canção, fazer danças que dessem a ver uma canção (a estrutura musical, a letra, a dimensão emocional, o tempo em que foi feita). No *Apagão*, uma peça que fiz com o Tiago Cadete, o público está 45 minutos no escuro total, não vê nada, tem que imaginar.

No processo de trabalho comecei a fazer entrevistas aos intérpretes e a trabalhar com eles sobre as suas próprias entrevistas. Estas conversas focam-se muito na relação deles com a dança ou o teatro e com a sua profissão.

Desenvolvemos uma prática de transmissão da entrevista — considerando os nossos corpos e a nossa voz como uma espécie de tecnologia que permite fazer passar aquela informação. Não sei se o intérprete é sempre um canal, um médium, mas há qualquer coisa de muito interessante em ver alguém transformar-se num espaço de passagem para si próprio. Mais tarde, no processo, encontrámos outra prática (e é exactamente essa prática que vou continuar a trabalhar quando me encontrar com todos os intérpretes em breve) a que chamámos prática da aproximação. Aqui, acho que a ideia da transmissão ganha outros contornos porque há uma proposta de estabelecimento de intimidade entre os intérpretes, ou se calhar, mais precisamente, uma proposta de criação de canais directos entre os intérpretes. E nesse sentido evoca, a meu ver, essa ideia da transmissão cultural ou da transmissão da experiência — o que é que nós fazemos para nos aproximarmos uns dos outros, dos que conhecemos ou não conhecemos, dos que já viveram ou dos que vão viver. Há ainda o vídeo documental do processo que é projectado em cena e que é uma forma de transmissão de um processo **de trabalho real e fictício, não se sabe bem... É um registo do tempo de criação da peça que fazemos chegar às** pessoas. Damos a ver perspectivas sobre o processo artístico e sugerimos que aconteceu alguma coisa de estranho, de misterioso (acontece sempre que se faz um projecto, acho eu). Portanto, neste momento temos três transmissões: a da rádio que estou a abordar com esta tecnologia humana da fala (dos intérpretes para o público), a da aproximação (entre os intérpretes e mais não sei exactamente quem ainda, se espíritos — talvez fantasmas do futuro) e a do vídeo documental.

E por que razão é a cultura assim tão Misteriosa?

Há qualquer coisa na passagem do tempo que é misteriosa para mim. O tempo que as coisas demoram — as sementes, os ciclos, as repetições, os vestígios, as pistas. Não sei bem se isso é cultura. Se a cultura é misteriosa é talvez porque é difícil de definir, porque tem a ver com tudo o que é a nossa vivência em sociedade. O Roy Wagner fala da origem do termo cultura (que deriva do latim *colere*, cultivar), explicando que ele adquire a certo ponto um sentido mais específico, indicando um refinamento no progresso de um determinado cultivo (apicultura, por exemplo). Esta ideia de refinamento acaba por servir de metáfora ao sentido ultrapassado do termo como controlo e refinamento, uma acepção elitista e aristocrática. A antropologia acabou por democratizar essa acepção. Esta ambiguidade e eventual confusão entre o sentido do refinamento aristocrático com o sentido antropológico existe, de algum modo, nas instituições do Estado. A graça do título da peça é que pode ser lido não como o Mistério da Cultura, **mas o Mistério do Ministério... da Cultura. E aí, estou** a ser irónico sobre o meu lugar de artista, em Portugal, que reclama que o mistério deve ser deixado do lado dos artistas e não do lado do poder.

A esse respeito, há algum tipo de mensagem crítica (articulada mais ou menos concretamente) que queiras fazer passar? Acho que a ironia do título *Mistério da Cultura* pode abrir a possibilidade de uma leitura da peça como uma crítica, sim. Pode dizer que a relação de muitos artistas com o Estado nem sempre é **fácil... Há ciclicamente contestações das pessoas do ‘terreno’ em relação a processos, por exemplo, de apoio às artes** demasiado burocráticos, lentos ou com regras difíceis de entender e pôr em prática. Muitas vezes este **‘terreno’, em vez de ser cultivado artisticamente**, acaba por se transformar em folhas de excel e pdfs cheios de planos de futuro, de certezas sobre intenções que não se têm, de projecções de meios a confirmar. Nada disso

é visível depois nas peças que se apresentam, ou, pelo menos, não de maneira clara. Encontramo-nos com o público e o mistério é outro. Gostava que essa dimensão da relação de um projecto com os vários organismos e estruturas, que ajudam a criação, se infiltrasse no objecto artístico porque ela está lá mesmo que não se veja.

—
A transmissão, questão central, parece aparecer sempre acompanhada pela não menor questão da tecnologia — seja a rádio, o documentário, ou a própria linguagem coreográfica que aparece, pelo menos na vossa descrição, enquanto tecnologia. De que forma trabalharam com a(s) tecnologia(s) durante o processo?

Para o trabalho da transmissão das entrevistas usámos os telemóveis e auscultadores sem fio e considerámos o corpo e a voz como uma tecnologia — espaço de técnica, arte **e ofício**. **Trabalhámos no** sentido de ser suporte a um fluxo de dados entre pontos, portanto, no sentido de não sermos obstáculo. E esse gesto de que falava há pouco de ser um espaço de passagem não é nada óbvio quando, enquanto intérpretes, estamos mais habituados a ir conquistar a cena, a nos impormos. A presença da câmara nos ensaios vem ajudar a criar ou procurar fantasmas. Não sei se é disso que o Jacques Derrida está a falar quando afirma que o futuro é dos fantasmas e que a tecnologia moderna das imagens, o cinema, a telecomunicação só faz aumentar o poder dos **fantasmas...** É engraçado que a peça inicialmente chamava-se *Mistério da Cultura e Espectro Dor*. De alguma maneira, eu queria já visitar uma certa espectralidade que incluísse o espectador.

—
O espectador, como assim?

Pensava no espectador, no público, como uma entidade difícil de captar ou de reconhecer, anónima e múltipla. Espectral nesse sentido. Achava que podia criar a ficção de que o público é, de facto, a vítima do mistério ou do excesso de mistério. Neste momento, acho que já não penso no público tanto assim neste espectáculo. Ainda assim talvez haja fantasmas na mesma. A Marie-**José Mondzain diz: 'Se soubermos escutar** os fantasmas, ouviremos-los falarem-nos da vida partilhada das imagens e não do regresso aterrador **dos mortos**'.

—
Qual o lugar para o humor e a ironia no teu trabalho? E, a teu ver, na arte em geral (ou na arte que mais te toca em particular)?

Interessa-me no humor a capacidade de pôr em relação elementos aparentemente distantes — uma certa incongruência. Portanto, no meu trabalho, seria colocar-me a ver e dar a ver possibilidades de associação inesperadas. E nesse sentido, desafiar, de certo modo, as convenções. A experiência do desafio do expectável (que será diferente para cada um, claro) é uma das coisas que mais me estimula como espectador e como criador. Depois, há o humor da frustração que nos pode fazer reavaliar hierarquias de importância. Investir numa grande preparação com imensa convicção para fazer um salto de 3cm. Se calhar, na verdade, a convicção é mais importante (ou mais tocante) que um salto muito alto. Claro que isso vem baralhar tudo e, portanto, faz-nos rir. Pelo menos a mim faz.